Anno 3.º — SETUBAL, 15 DE SETEMBRO DE 1895 — N.º 157



O ELMANO

BI-SEMANARIO POLITICO, LITTERARIO E NOTICIOSO

Redactor principal—MANUEL DE PADILHA — Redactor-gerente—LEONARDO DUARTE JUNIOR

Homenagem a Elmano Sadino da redacção de "O Elmano,,

Elmano Sadino

Em 15 de Setembro de 1765, nascia em pobre casa da rua de S. Domingos, da então villa de Setubal, uma creança que mais tarde devia ser a gloria do berço natal.

Era Bocage, o vate illustre, o sonetista sem emulo.

Poeta desde menino, como elle proprio no-lo affirma.

> versos balbuciei co'a voz da infancia
> vate nasci...

devia mais tarde erguer-se ás culminancias do genio, affirmar a sua individualidade em versos primorosos, como só elle os sabia fazer.

E' que o destino marcára-lhe na fronte o stigma glorioso dos immortaes, traçára-lhe de antemão os caminhos por onde devia guiar os passos, deixando apoz si um rasto luminoso, as fulgurações do seu estro sublime.

Dos poetas portuguezes do seu seculo, Bocage é incontestavel e incontestadamente o primeiro entre os primeiros, Nenhum como elle se elevou tanto na divina arte de Homero e do Camões. Brincava com as Musas, zombava d'ellas que lhe pagavam os motejos em vôos de imaginação, traduzidos n'esses improvisos em que Bocage era d'uma fertilidade singular e que são o assombro de toda a gente.

Para ser o primeiro poeta portuguez, depois de Camões, diz um dos seus criticos, Rebello da Silva, faltou-lhe apenas «a epoca propria e a vida mais larga. Com os annos, em mais ampla esfera, os defeitos, n'elle quasi sempre produzidos pelo ardor das qualidades, haviam de gastar-se com a lima, e desapparecer com a reflexão»

Perda lastimavel! A terrivel parca roubou á vida o grande poeta quando d'elle mais havia a esperar.

*

A data que commemoramos é para nós duplamente festiva. Trata-se d'um poeta illustre e d'um conterraneo nosso.

Razão de sobejo para esta singela homenagem que hoje prestamos ao insigne vate, o mais dilecto filho d'esta terra que se orgulha de lhe ter sido berço.

Mas um outro motivo ha ainda que torna para nós obrigatorio o commemorar a data de hoje, 15 de Setembro. Enflora-se este jornal com o nome d'Elmano, nome que nos tem servido d'egide ao affrontarmos as tormentas d'este mar agitado que se chama a imprensa. Seria, portanto, ingratidão desmarcada deixar no olvido o dia do nascimento de Manuel Maria Barbosa du Bocage, o poeta que na Arcadia tinha o nome de *Elmano Sadino*.

E' um dever que cumprimos, e embora seja singello o nosso preito, modesta a homenagem que prestamos ao grande cantor não deixa por isso de ser bastante significativa. Pelo menos é essa a nossa maneira de sentir, dospreoccupados de vanglorias estultas e de pretencões mal cabidas.

HOMENAGEM A BOCAGE

(EXCERPTO)

Na cara pátria minha entreteceu-lhe amor
o berço perfumado em laranjaes em flor.
O limpido regato a serpear na relva,
o perfume, a frescura, os canticos da selva, -
o valle d'onde surge á tarde a viração
que afaga o tenro arbusto, a voz da solidão
que lá no algar modula o rio sossurante;
a sombra da quebrada, o prado verdejante,
em fim este vergel onde ha perenne abril,
provoca, attrahe, incita a musa inda infantil...
Para cantar fadado o cysne da harmonia
revela o seu destino apenas balbucia.
O Sado a murmurar insina-lhe a canção
que repete depois dos mares na amplidão,
de nostalgia oppresso, em seu destino vario,
os longes do occidente olhando, solitario.

Cresce, adeja anhelante aos cimos que fitou;
que assombro! quasi implume e rapido chegou
aonde poucos vão em dilatado espaço!
A frauta de Delille, hymnos d'Ovidio e Tasso
vai escutar attento apenas trovador,
extrahe-lhes a magia, a musica, o primor
e volve endeusado; e o canto que desata
captiva a quem o ouve, as almas arrebata!...
Misterioso engenho, [illegible]
difficil de attingir e atè de comprehender,
ora sereno lago em que se espelha a lua,
ora revolto mar, que avança e que recua,
e na indomavel sanha, entre horrido bramir,
pretende, intumecido, as rochas demolir!
Rival de Anacreonte, enflora a doce lyra
que enleia os corações na magua em que suspira;
mas, transmutado em breve, a satyra mordaz,
penetrante, despede, iroso e mais que audaz,
e em cego delirar, de victimas sedento,
na insania que o devora ainda é um portento!
Impondo á musa a phrase e modo varonil,
fulmina o ousado inepto, o tôrpe, o que é servil;
e passa triumphante; e a multidão que o acclama
lhe vai da voz suspensa e o segue como a fama!
Refeito n'esse applauso e no melhor que dão
os versos de Filinto, as odes de Garção,
revôa ao infinito, excede o que ha sublime
na flamma em que se faz, no verbo em que s'exprime!
Corôas aos montões e feixes de tropheos
são despojos da lucta aos pés do semideus!
e da gloria o clarão dardeja rutilante
sobre o laurel que cinge a fronte do gigante
que os émulos venceu, os zoilos suffocou,
e o tempo, o olvido, a morte altivo dominou!...

M. M. Portella.

A BOCAGE

Phases...

Nos dias da minha infancia,
em que sem cuidados ria,
de Bocage a bohemia,
o verso fino e mordaz
adorava com delirio!
Eu julgava-o venturoso,
suppuz nascida do gozo
sua alegria fallaz!

Depois,—talvez mais incredulo,
reli-lh'os cantos sentidos;
par'ceu-me ouvir uns gemidos
d'envolta com seu sorrir.

E descobri nos seus canticos
uns tons vagos d'amargura,
que um meigo veu de doçura
mal conseguia encobrir!

As illusões desfizeram-se;
agora vejo este mundo
lodoso abysmo sem fundo,
em que a crença se corroe,
e no meio do meu desanimo
invejo o vate cantando,
com a alma triste chorando,
e cognomino-o d'heroe!

Joaquim Brandão.

15 DE SETEMBRO

O nome illustre cuja data de nascimento o *Elmano* hoje commemora impõe-se á admiração dos amigos e cultores das belles lettras e muito mais ao patriotico enthusiasmo dos seus conterraneos. Por que, se o illustre vate enriqueceu a litteratura nacional com os peregrinos partos do seu preclaro engenho, honrou por uma fórma preduravel a terra que lhe foi berço.

Se Vizeu se ufana de ter visto nascer em seu seio o illustre historiador João de Barros, Santarem o melifluo estylista Fr. Luiz de Souza, Porto o patriarcha da eschola romantica em Portugal, Garrett, Setubal não fica menos honrada nem menos gloriosa, por ter produzido para a galeria dos homens illustres nacionaes, o mais fecundo lyrico d'este seculo, o improvizador de mais facil e abundante veia—Bocage.

O marmore celebra já na praça principal d'esta cidade a gloria immarcessivel do grande vate setubalense; é preciso que o periodico que se honra com o seu nome arcadico, saiba commemorar condignamente e até annualmente, a data gloriosa do seu nascimento.

Nascer para ser grande é um acontecimento bem mais notavel do que morrer depois de o haver sido; porque no berço do homem illustre está concentrado todo o seu futuro de gloria, ao passo que o catre onde elle agonisa é o termo d'essa gloria. A sociedade vê a primeira d'estas cousas com um sorriso de esperança; a segunda com uma expressão de saudade!

Honremos, pois, esta data de verdadeiro jubilo para esta boa terra que soube perfumar o berço do mais illustre de seus filhos com o aroma suave de seus laranjaes e acalental-o com o murmurio placido e deleitoso do Sado.

J. Rosa Martins.

ELMANO!

Que valeis vos ó folhas dos laureis
tiradas d'um poeta á campa rasa?...
Esculpidas nos tumulos dos reis
quem vos recusa ao craneo santo em braza,
do Genio sobranceiro aos capiteis?...
Do Genio que se eleva como a aza...
seus enganos cantando e seus amores,
chorando o mundo vasto e suas dores!...

E que importa vãos symbolos sagrados
que não vos collocassem sobre a fronte
dos vates divinaes illuminados,
como Virgilio, Homero, Anacreonte?...
Se depois, immortaes glorificados
os elevam da luz á pura fonte
onde beberam avidos poetas
que como tu, Bocage, são prophetas!...

Nós lembramos o dia em que nasceste
vulto sagrado, digno de memoria,
que na mizeria negra pereceste
e d'ella com teus cantos foste á gloria,
depois que os dons de Orpheu á terra deste...
Bemdizemos na vida transitoria,
de harmonia o thesouro que deixaste...
como o dia primeiro em que choraste!...

Lisboa. — *Dias d'Oliveira.*

BOCAGE

15 DE SETEMBRO

Depara-se-nos uma data memoravel; duplamente memoravel e gloriosa para Setubal.

Foi n'essa data, ha 130 annos, que nasceu n'esta cidade o mais popular e mais harmonioso poeta do seu seculo, Manuel Maria Barbosa du Bocage.

O seu elogio está feito por auctoridades do mais elevado conceito, sem que tenha ou possa ter contestação; seria portanto superfluo repetil-o. Lembra-nos porém dar algumas notas das homenagens prestadas á memoria do immortal sonetista, das quaes a historia deve fazer registo.

Celebrando pois o anniversario do grande Elmano, recorda-se naturalmente o dia 15 de setembro de 1865.

Foi altamente significativa a reunião que n'esse dia teve logar na capital do Brazil, em honra do famoso lyrico portuguez.

A ella se refere em traços brilhantes o erudito escriptor José Feliciano de Castilho Barreto e Noronha, dizendo:

«Fazia um feliz acaso que a 15 de setembro de 1865 fosse o anniversário secular de Bocage, nascido em egual dia, em 1765. E por quanto em paizes adeantados tem estado em nobre uso celebrar o jubilêo de homens grandes, como succedeu na Allemanha, no dia dos 100 annos de Schiller em 1859, na Inglaterra no dia dos 300 annos de Shakspeare, em 1864, na Italia em egual anno e no dia dos 600 annos de Dante etc., julguei que em tão civilisada cidade como esta, seria bem acceita a idéa de celebrarmos o jubilêo do grão fidalgo do idioma, do principe do improviso, do Anacreonte da lyrica, do Petrarcha do soneto, do Rembrandt do ciúme, do Koh-i-noor da metrificação portugueza.

Está na memória de todos a explendida solemnidade d'essa enthusiastica noite, que tão apuradas pennas descreveram em todas as folhas do Rio de Janeiro, e nas principaes de Portugal. Se no empyreo se é sensivel ao que cá os homens fazem na terra, terá estremecido de júbilo a alma de Bocage, tão sedenta do affecto dos seus, —não ao ver uma imagem collocada sob um docel, laureada, circumdada de flores, bagas douradas, damascos, luzes, lyra ingrinaldada de rosas, finalmente altar lythurgico da religião poética—mas de admirar que 800 cavalheiros se congregassem para victoriar um homem morto antes de quasi todos elles terem nascido; e concordassem unisonos e jubilosos em proclamar esse finado digno de perpétuo respeito da posteridade. Ali o mais popular dos nossos escriptores teve a mais popular das consagrações.»

Foi d'essa reunião que resultou a iniciativa dos meios precisos para se realisar o monumento dedicado a Bocage n'esta cidade, sua terra natal.

Duras contrariedades cortaram as deligencias postas em pratica para fim tão justo e tão sympathico e a cuja realisação se votaram com desvelado empenho, como illustres promottores, o distincto escriptor a que já nos referimos e seu irmão o melodioso poeta e esmerado estylista Visconde de Castilho.

O monumento porém ergueu-se e a estatua de Bocage lá está encimando a bella columna corinthia em cuja base se esculpiram magnificos versos do poeta que a mesma estatua representa.

São um primor de dicção as cartas em que o Visconde de Castilho se dirige á municipalidade de Setubal, a proposito do monumento de que estamos fallando e de factos com elle relacionados.

Incitando os setubalenses a commemorarem festivamente o anniversario de Bocage, dizia-lhes:

«A' fé que não valia, nem vale ainda hoje, a aldeia franceza de Saleney, o que ha de valer, e o que já vale a vossa cidade tão bella e tão populosa; e todavia um grave prelado, um velho, despegado do mundo, e que mereceu ser canonisado, S. Medardo, instituio lá, e logrou-se de ver pegada a festa annual da Roseira, depois transplantada para tantas outras partes; e que, extirpada passageiramente pelo tufão revolucionario, tornou a pegar, e ainda hoje se conserva. Que ricos frutos moraes, e em que larga copia não tem produsido aquella coroa de rosas, trançada para a moça mais virtuosa pelo risonho velho, poetico e innocente Anacreonte da caridade! Tentae vós tambem, e já póde ser que Deus vos abençoará a tentativa, e que algum dia ainda, em recompensa d'esses exforços, vos permittirá levantar em face do monumento de Bocage, outro da civilisação: a escola, o asylo, como vós e eu os cubiçamos.»

A ultima referencia recordava a fórma diversa e o fim de maior latitude com que alguem tinha projectado o monumento em honra de Bocage.

A idéa era a de um edificio amplo, de prespectiva nobre e acurada estructura artistica, com a fachada rematada pela estatua ou busto do poeta, sotopondo-se-lhe a legenda monumental em bronze.

Dentro devia haver uma escola asylo e para que o monumento em tudo memorasse o insigne poeta, fallando principalmente ao espirito e tornando cada um dos escolares um monumento vivo para a tradicção oral e para a memoria escripta, os livros a adoptar ali nos exercicios de leitura deveriam dividir se em duas classes; os do periodo rudimentar poderiam conter os apologos e outras composições de assumptos mais accessiveis a comprehensões infantis; os do segundo periodo os sonetos moraes e religiosos, que se encontram nas obras de Bocage, bellos e edificantes, como não ha melhores.

Este plano aceitavel pelas razões de utilidade immediata em que assentava, e por que traduzia, a nosso ver, uma mais larga intuição em honra do poeta, era concorde com o pensamento justamente preconisado e admiravelmente exposto por Castilho, quando, ao prantear a perda de um grave pensador, que antepunha á frequencia das diversões tauromachicas e das aventuras mal pensadas, os cuidados do seu officio de rei, dizia:

«Se é mister um padrão a quem não teme o olvido
seja um templo d'amor: a escola. No recinto.
se entõe e no frontão se doire: A Pedro Quinto
O Povo portuguez c'os olhos no provir.

Os subscriptores do Brazil não haviam sido prevenidos d'aquelle alvitre e prevaleceu por isso, em justa deferencia para com elles, a idéa do monumento que ahi vemos, não tão fecundo e instructivo como poderia ser aquelle outro, mas que simbolysa condignamente um elevado preito ao eximio poeta e honra os cidadãos portuguezes e brazileiros que por modo generoso corresponderam ao appelo feito pelos dois illustres escriptores que já mencionámos, credores tambem da veneração publica.

***

A BOCAGE

Versos balbuciei com a voz da infancia
Vate nasci...

Bocage

Eu te venero como a um Deus sagrado,
Famoso Elmano divinal cantôr!
Teu estro puro, como o puro amôr,
Bem cedo foi das musas bafejado!

Os versos teus d'estylo aprimorado,
Fazem lembrar-me a tella d'um pintôr,
Onde a exacção da luz, vida e calôr,
Me deixa por momentos deslumbrado!

Por isso me envergonho, me confundo,
Não tendo para versos nenhum geito,
Ao q'rer cantar teu genio tão fecundo!

E estas linhas que traço a teu respeito,
De pedra embora estejas vendo o mundo,
Te acordarão o riso—o que é bem feito.

J. M. da Silva.

UM SONETO DE BOCAGE

O elevado conceito que, á luz da propria consciencia, Bocage fazia dos seus dotes poeticos, conceito que não occultava, deu motivo a que a critica irreflectida ou o apreço exagerado pela modestia, embora artificiosa, o fizessem julgar excessivamente orgulhoso e incapaz de prestar homenagem ao merito alheio; prova se porém o contrario no seguinte soneto, *louvando alguns poetas seus contemporaneos:*

Encantador Garção tu me arrebatas
Audaz vibrando o plectro venuzino;
Suave Albano, delicado Alcino,
Musas do terno Amor, vós me sois gratas:

Adoro altos prodigios, que relatas
Cantor da Gloria, majestoso Elpino,
Tu, que agitado de impeto divino
Accêzos turbilhões na voz desatas:

Oh! cysnes immortaes do Tejo ameno!
A carrancuda Inveja em mim não cria
Viboras prenhes de infernal veneno:

O clarão, que esparsis me accende e guia:
Culto, incenso vos dou quando condemno
Delirios que Belmiro ao prelo envia.

UM ALVITRE

A' homenagem prestada pelo *Elmano*, ao poeta Manuel Maria de Barbosa du Bocage, na data do seu anniversario natalicio, não podia eu deixar d'associar-me como setubalense; indo bastante do meu reconhecimento pela commemoração feita a um vulto notavel do qual sou parente ainda que humilde.

Estes preitos são justos e d'incentivo, bem mostram que
O sabio não vae de todo á sepultura.

—

Setubal nobilita-se recordando os seus filhos prestimosos. Preciso se torna que os seus filhos de hoje procurem bem merecer as bençãos da mãe-patria.

Não tem descurado essa municipalidade de perpetuar o nome de setubalenses illustres: já tambem Luiza Todi não é desconhecida na terra que a viu nascer.

N'esta homenagem ao poeta Bocage tem cabimento o apresentar d'uma ideia cuja realisação me parece de todo o ponto justissima.

Em todas as familias existe um filho que mais se abeira da mãe; não que estas Deusas do amor, titulo gentil de Thomaz Ribeiro, deixem d'abrigar a todos sob as suas azas protectoras, mas uns partem para longe, outros felismente poucos, enjeitam o lar e, por via de regra, fica sempre um para não tornar ermo d'affectos o sanctuario das mais sinceras adorações.

O meu distincto amigo Manuel Maria Portella é um d'estes filhos dedicados.

Nos seus versos canta as bellezas da sua terra, os monumentos de ella devem-lhe a descripção minuciosa da sua historia e quasi todos esses logares encantadores e amenos lhe teem ouvido palavras desvanecidas de verdadeiro amôr.

Na *Memoria sobre a historia e administração do Municipio de Setubal* escreve Alberto Pimentel: A camara municipal adquiriu, afim de tornar tão copiosa quanto possivel esta Memoria, varios documentos e noticias desde longos annos recolhidos, com louvavel patriotismo, por um escriptor tão modesto como consciencioso, o sr. Manuel Maria Portella.

A' sua iniciativa se deve a lapida commemorativa na casa onde nasceu o poeta Bocage e de esta idéa patriotica nasceu a do monumento pois, conforme refere Alberto Pimentel, Antonio Feliciano de Castilho, sabedor da collocação da lapida, pensou em prestar ao cantor do Sado mais grandiosa homenagem.

Apesar d'alguma opinião desfavoravel, foi levantado o monumento e Portella exclama satisfeito:

Cumpriu-se a predicção. Não foi uma luz fatua
que o vate alumiou, alçou-se emfim a estatua!...
. . . .
Paga-se o justo preito em honra do saber,
extingue-se o labéo cumprido o que é dever.

—

Trabalhar para o engrandecimento da sua patria, tornar conhecida a sua historia, procurar enaltecer os seus vultos mais notaveis só é proprio de filho affeiçoado e digno.

A municipalidade de Setubal, dando o nome de—Manuel Maria Portella—á rua onde reside o illustre poeta, mostrará bem reconhecer os serviços dispensados por este homem util a esse torrão das laranjeiras noivas, na phrase elegante de Castilho, no qual segundo disse o mesmo prosador eximio, ha thesoiro de jaspes e marmores resguardados para estatuas de seus filhos.

Lumiar—Setembro de 1895 *Bocage Lima*

Casa onde nasceu BOCAGE

Sob este titulo diz «O Archeologo Portuguez»:

«O forasteiro que visita Setubal, e não é indifferente aos titulos litterarios que nobilitam esta cidade, procura sempre ver a casa em que nasceu Bocage.

Essa casa fica na rua de S. Domingos e está assignalada com uma lapide cuja inscripção commemora o nascimento do insigne poeta, succedido a 15 de Setembro de 1765.

Aquella lapide foi mandada collocar, não a expensas da municipalidade, como, por inexacta informação se lê na *Livraria Classica*, mas sim com o producto de uma subscripção promovida por Manoel Maria Portella, de Setubal.

No corrente anno de 1895 foi alterada a frontaria d'essa casa que devemos considerar edificio historico, e cuja fórma exterior cumpria por isso conservar.

Agora ficou ella differindo da que tem sido representada por meio de gravura em varios periodicos de Portugal e Brasil.

Lastimamos que se désse tal facto, e que a vereação do municipio setubalense, á qual foi offerecida a dita casa por um estrangeiro benemerito, o Sr. Visconde de Bartissol, não obstasse a isso, e antes consentisse.»

Tambem lastimamos se alterasse, ainda que em parte, a fachada d'essa casa, a qual perdeu assim a feição por que antes foi considerada como um monumento, em rasão de ser essa a prespectiva que tinha quando se deu o successo que recommenda aquelle edificio á attenção publica.

O facto porém está consumado;—depõe é verdade desfavoravelmente com relação a quem tem a responsabilidade d'elle; mas peior seria se houvessem derribado a casa ou a tivessem applicado a algum repugnante mister.

Não pareça exagero de pessimismo o admittirmos a possibilidade de taes profanações.

Vergonha é dizel-o; mas é indispensavel que se diga, para escarmento dos vandalos e dos indifferentes pelas cousas dignas de serem conservadas e memoradas,—no nosso paiz tem-se dado casos numerosos e bem reprehensiveis no sentido de que vimos tratando.

Se narrassemos os que conhecemos teriamos de fazer uma longa lista.

Referiremos apenas um, que se deu tambem em relação a uma casa, a qual constitue padrão venerando, e é aquella em que nasceu el-rei D. Manuel, na villa de Alcochete.

Não sabemos como ao presente está essa casa, temos porém noticia de que em tempo um escriptor verberára com justa indignação que n'ella estivesse uma reles taberna e como indicativo d'esta se visse pendurado um ramo de pinheiro a par do brazão das armas de Portugal.

Aquella casa, deriva a sua nobreza de um successo accidental, é certo; mas no principe que ali vio a luz a vez primeira, estão synthetisados, por assim dizer, os gloriosos factos que muito engrandeceram e nobilitaram a nossa patria, ampliando-lhe os dominios grandemente e impondo por ousados feitos de não visto heroismo, os seus filhos á admiração e respeito de todas as nações do mundo.

15 DE SETEMBRO

Ao meu Ex.mo Am.o José Vicente du Bocage Uimu

—

Na falda do monte
A vaga se espraia,
E meigo desmaia
Sem furias o mar
E o sol no horizonte,
Dormindo na areia,
Em fogo incendêa
O ethereo solar.

Cazinhas ao longe
Em trajos de gala
No fundo de opala
Dos campos do azul;
A ermida do monge,
A meio da encosta,
A's iras exposta
Do vento do sul.

Os prados viçosos
E a relva virente
A' luz do poente
Roubando-lhe a côr;
Em fila, dengosos,
Bandeiras em arcos,
Se alinham os barcos
Da praia em redór.

Castello em ruinas
No cume d'um cerro,
Em que homens de ferro
Se viram luctar.
Alegres campinas,
E moitas e urzes
E torres e cruzes,
E mar... e mais mar.

Repicam os sinos,
Estoiram foguetes,
E mil galhardetes
Fluctuam no ar;
E os sons campezinos
Da frauta e pandeiro
Um tom galhofeiro
Ao todo vem dar.

Que dia é pois este
De tanta alegria,
De tanta folia,
De tal festival,
Que a villa se veste
Com ricos brocados,
Apenas usados
Em gala real?

E' que hoje ante Elmano,
O filho dilecto,
Vem cheios d'affecto
O nobre e o plebeu
Prestar culto ufano
E preito devido
Ao poeta querido
Ao poeta só seu.

Setubal em gala,
Setubal ridente,
Setubal fremente
Em ledo sorrir!
A mente me abala,
Meu peito commove
E o estro me move
Comsigo a sentir.

Meu estro! que louco!
Estulta vesania,
Demencia, insania,
Vaidade... que sei?!
Valendo tão pouco,
Desculpa só vejo
Mostrar meu desejo
No pouco que dei.

Velhinho.

LAPIDA

A lapida que assignala a casa em que nasceu o insigne poeta Bocage, foi ali collocada solemnemente no dia 10 de abril do anno de 1864, com o producto d'uma subscripção promovida pelo redactor da «Voz do Progresso,» folha semanal que então se publicava em Setubal.

Contribuiram com seus donativos para esse fim: Joaquim José Barbosa du Bocage, João José Barbosa Monteiro, Ladislau José Monteiro de Barbuda, Theotonio Xavier d'Oliveira Banha, parentes do poeta, Antonio José de Mesquita, Henrique Carlos Junqueiro, Antonio José Pacheco, Manuel Maria Portella, José Augusto Rocha, Henrique Augusto da Cunha Soares Freire, José Antonio Pinto, João do Nascimento e Oliveira e Francisco Maria Albino.

IRMÃOS DE BOCAGE QUE LHE SOBREVIVERAM

O dr. Gil Francisco Barbosa du Bocage ainda vivia n'esta cidade no anno de 1833.

D. Maria Francisca Barbosa du Bocage, irmã querida do poeta, e que o acompanhou até aos ultimos momentos da vida, falleceu, não em Lisboa, como por mal informado escreveu Rebello da Silva, no magnifico estudo biographico que fez de Elmano Sadino; mas sim em Setubal a 12 de maio de 1841, como consta do livro 8.º dos obitos da parochia de S. Sebastião.

As informações dadas por esses dois irmãos do poeta confirmaram, de modo incontestavel, a tradicção de que elle nasceu na casa designada com a inscripção respectiva na rua de S. Domingos.

SALVÊ...

Bocage, admiravel traductor d'Ovidio, portentoso poeta, sublime repentista, mestre dos sonetistas venero-te!

O teu nascimento que hoje solemnisamos todos, é um facto de alta significação na historia da humanidade e do nosso Portugal a quem foste dedicado e te deve serviços.

Ha quem te insulte, quem te julgue libertino; mas em consciencia, tu não o foste!

A sociedade deu-te a conhecer o quadro horrendo da sua constituição e tu depois tiraste-lhe a mascara, eis tudo.

Bem hajas. Precisamos muitos d'esses.

O que dirias tu agora se a conhecesses como ella está, muito mais hypocritamente corrompida!

Ou te farias como ella, ou mais precocemente deixarias de existir.

Foste feliz em viver em tal epocha! Pobre vate só n'isso tiveste felicidade.

Julio Augusto d'Oliveira.

O QUE DISSERAM DE ELMANO

..................Emquanto o mundo
Se lembrar de Camões, de Tasso e Milton,
Lhe ha de lembrar tambem d'Elmano o nome.

José Agostinho Macedo,

=

Dos sonetos ha grande copia que não tem egual, nem em portuguez, nem em lingua nenhuma, d'uma força, d'uma valentia, d'uma perfeição admiravel.

Almeida Garrett.

=

A musa não confiou de outro a lyra de Elmano. Principe na arte classica, precursor, para nós, da revolução litteraria que antevê em arrojos sublimes e em rasgos de doçuras e de crenças, Bocage levou comsigo o segredo da harmonia da grandeza epica.

Rebello da Silva

=

O idioma de Camões subiu nas mãos de Bocage a tal grandeza e magestade, que nunca houve segundo typo que se lhe equiparasse. Seu estremado gosto o fez ousar uma tentativa de reacção contra o cançado e tracteado estylo bucolico. Conciso e claro, metaphorico mas natural, hyperbolico mas verdadeiro, as azas da sua imaginação levantaram o seu ouvinte á esphera onde reinava.

Barreto Noronha.

=

Depois de Camões, Bocage foi o nosso primeiro poeta popular.

Antonio Feliciano de Castilho.

=

O ardor do pensamento communicava-se-lhe ao verso, que ninguem fez mais sonoro, á phrase, que ninguem teve mais portugueza e mais nobre.

Nascido trinta annos depois, Bocage seria o primeiro poeta da Peninsula...

Pinheiro Chagas.

GRANDE MARCHA

Elmano Sadino

Do distincto maestro e nosso amigo Camacho, habilissimo regente da banda de caçadores 1, recebemos a seguinte carta, que publicamos com o maior prazer.

Meus caros amigos

Desejando quanto em minhas forças cabe, associar-me á homenagem que intentam prestar ao immortal poeta Manuel Maria Barbosa du Bocage, acabo de compôr uma grande marcha triumphal que dediquei ao sublime cantor sadino, e que, escudada com o seu nome glorioso, será executada pela banda que dirijo, no proximo dia 15 do corrente, no jardim do Bomfim.

Pedindo-lhes que queiram juntar ao vosso este meu singello preito á memoria do mais illustre dos setubalenses, confesso-me

Todo vosso

Camacho Junior.

Epigrammas de Bocage

Homem de genio impaciente
Tendo uma dôr infernal
Pedia para mattar-se
Um veneno, ou um punhal.

«Não ha (lhe disse um visinho
Velho, que pensava bem)
Não ha punhal nem veneno;
Mas o medico ahi vem

—

A morte um dia enjoou-se
D'um nome que se abomina;
Quiz o azedume adoçar-lhe
E crismou-se em medecina.

—

Rechonchudo franciscano
Desenrolava um sermão
E defronte, por acaso
Lhe ficára um beberrão.

Tratava dos bens celestes
Proferindo: «Ouvintes meus,
Que ditas, que immensa gloria
Para os justos guarda Deos!

Falsos, momentaneos gostos
Ha, n'este mundo mesquinho;
Mas nos ceus ha bens sem conto...»
Pergunta o bebado: «E vinho?»

Uma resposta de Bocage

O poeta Fr. José Botelho Torrezão, intimo amigo de Bocage, quando este, enfermava da doença que o devia levar á sepultura, dirigiu-lhe o seguinte soneto em que alimentava fallazes esperanças de melhoras:

Se a morte afoga de Bocage o canto
Se as forças promptas do Immortal não descem?
Se os ceus á voz da dôr não se enternecem,
Perdes, ó Lysia, teu melhor encanto.

Ah! Vê que um vate assim merece tanto
Como os heroes que as eras ennobrecem!
Faze votos: as supplicas não cessem:
Impede o luto emfim, a magoa, o pranto.

Eu vejo Lysia aos pés do altar sagrado,
O halito de um Deus sorvo e respiro,
Bocage á morte, á campa está salvado.

Parabens, Portugal, mundo! Eu deliro!
Não deliro: nos ceus está mandado
Que de Ulyssea o sol não finde o gyro.

A que Bocage respondeu pelos mesmos consoantes:

De Elmano, antes da morte, é morto o canto.
Do Pindo inspirações já lhe não descem;
Mas inda aos que em seus males se internecem
O que sómente é dôr, parece encanto.

Ah! ditoso o que deve á patria tanto,
Ditoso o que altas musas ennobrecem:
Bem que afincadas oppressões não cessem
De abrir-lhe mais e mais a fonte ao pranto!

Da mente, em que fervia o gaz sagrado,
Um Deus que respirei, já não respiro,
Um Deus, por quem do nada estou salvado:

Nos versos, que te dou, talvez deliro;
Da sorte aos meus pousar foi já mandado,
E aos teus impõe seguir da fama o gyro.

Um soneto de Santos e Silva

Thomaz Antonio dos Santos e Silva, outro nosso distincto conterraneo, era particular amigo de Bocage.

Já velho e cego consagrou-lhe este soneto:

De excelsos, dignos vates copia ingente
(Que debaixo do delphico estandarte
Raias, do luso engenho alongue a parte)
Marchar-se via, com Bocage á frente.

Ornão-lhe o lado heroes do fogo ardente,
Insignes capitães de peso e arte;
E na bagagem vae, qual velho Marte,
O cego, o estropiado, o já demente.

Eis que de repentina, atroce queixa
Egrota o chefe: asperrimo quebranto
As mãos lhe tolhe, a sacra voz lhe falha.

Pallece a tropa illustre; opprime o canto
Da tuba portentosa, os louros deixa;
As palmas, os tropheos são dor, são pranto.

A camara municipal manda collocar hoje no pedestal do monumento a Bocage vasos com flores naturaes. Ainda bem que a vereação setubalense não olvidou a data que festejamos.

A alguns cavalheiros que nos enviaram originaes pedimos desculpa de não os publicarmos. Uns vieram tarde, outros necessitavam emendas.

Para isso nos escasseou o tempo.

Aos nossos assignantes

Por excepção, plenamente justificada pela data que pretendemos commemorar, sae hoje o *Elmano* ao domingo. Em consequencia, porém, d'um lapso, deixámos de prevenir d'isto os nossos presados assignantes, do que pedimos desculpa.